

## “AQUI É TUDO PARENTE...”

Maria Cristina Pinho LIMA\*  
Tereza Cristina Ayres Gondim ROCHA\*\*

**RESUMO:** Este trabalho narra um pouco das experiências e do aprendizado das terapeutas comunitárias da ECCOSocial da Região Serrana, que atuaram junto às comunidades enfrentando as consequências de um dos maiores eventos climáticos ocorridos no país, em Nova Friburgo/RJ, em 12/01/2011. Pretende incentivar a avaliação reflexiva da prática da Terapia Comunitária Integrativa em situações imprevisíveis de catástrofes e desastres, convidando todos a rever modelos e, ainda, identificar o aprendido ao atuar para transformar e crescer.

**PALAVRAS-CHAVES:** Tragédia. Resiliência. Organização social.

### UMA ILUSTRAÇÃO VIVENCIAL

Chegando a um abrigo coletivo na proposta de realizar uma roda de Terapia Comunitária Integrativa anteriormente agendada, fomos recebidas por um número bastante grande de crianças e observamos alguns idosos sentados. Estranhando e comentando o fato com elas, perguntando inclusive por seus pais, descobrimos

---

\* Terapeuta Comunitária Integrativa Formadora do Polo – Espaço de Construção, Convivência e Organização Social da Região Serrana. Nova Friburgo – RJ – Brasil. 28621-445 – crispl313@hotmail.com

\*\* Terapeuta Comunitária Integrativa Formadora do Polo – Espaço de Construção, Convivência e Organização Social da Região Serrana. Nova Friburgo – RJ – Brasil. 28621-445 – terezacristinarocha50@gmail.com

que alguns estavam trabalhando, outros tinham voltado às casas em situação de risco na tentativa de preservar bens materiais, outros, ainda, estavam no andar superior, isolados em sua dor.

Brincando, começamos a buscar entre as crianças a identificação dos adultos que pareciam brincar de esconde-esconde nas janelas ao notarem nossa presença. Em meio a este momento, surge um comentário de uma menina super-viva, com nove anos, que traduz bem o que uma boa parte da comunidade de Friburgo começa a descobrir: **Aqui é tudo parente!**

Edgar Morin e Kern (2005) afirma que temos uma identidade fundamental comum a todos, uma unidade genética de espécie originada de um antepassado único ou não. Apesar das diferenças físicas, apesar das diferenças de culturas e de linguagens, e de ritos e costumes, de crenças, por toda parte sempre houve expressões de prazer, amor, ternura, amizade, cólera, ódio, por toda parte sempre houve mistura inseparável de razão e de loucura. Cada um de nós traz em si tesouros, carências, falhas. Reconhecer isso é reconhecer a identidade humana. A vida preciosa na terra é frágil, mas surgiu com a superação do caos e na turbulência. O cosmos se organizou ao se desintegrar. Não teríamos nos desenvolvido se não fossemos capazes de responder a tantos desafios. Tudo o que vive deve se regenerar permanentemente.

Reconhecer a identidade humana, **aqui é tudo parente!**, é reconhecer também, no infortúnio, a graça e privilégio.

## UM CONTEXTO INUSITADO

Penso que vivemos num mundo de mistura de ordem e de desordem – sendo ordem tudo que diz respeito ao determinismo, à estabilidade, à regularidade, e desordem tudo o que é colisão, agitação, destruição, explosão, irregularidade. Devemos desenvolver estratégias de ação face a tal universo. Edgar Morin e Kern (2005, p.13).

As rodas de Terapia Comunitária Integrativa são, em sua grande maioria, compostas por “refugiados que fogem de uma luta desi-

“Aqui é tudo parente...”

gual seja contra as forças da natureza”, ou como “[...] vítimas de uma política econômica concentrada no poder e riqueza que exclui a grande maioria das oportunidades de desenvolvimento e da partilha de bens materiais e culturais.” (BARRETO; BARRETO, 2010).

Em situações de catástrofe, pessoas, lugares, espaços e referências, que fazem parte do cotidiano, simplesmente, deixam de existir da noite para o dia. Perde-se abruptamente, a partir do momento do evento, o fio de uma narrativa, o *continuum* de uma história construída com elementos fundamentais.

Estas são frases que retrataram, em rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI), a desorientação emocional que dominou cidadãos friburguenses:

“Estou perdida entre a felicidade por estar viva e a tristeza diante de tantas perdas.” (mulher, 38 anos, área rural, casa sem acesso na área rural)

“Se Deus me protegeu desta catástrofe, é para eu ficar quietinha no meu canto.” (mulher, 63 anos, casa não atingida)

“Perdi 2 filhos, 2 noras e 2 netos e só estou conseguindo reagir porque acho que Deus tem algo pra eu fazer aqui ainda.” (mulher, 42 anos, ajudou os bombeiros no salvamento de muitos na área rural)

“Minha cabeça não pensa em outra coisa a não ser na morte do meu irmão.” (homem, 17 anos, ex-morador do Centro, abrigado com a família)

“Estou confuso por achar que não conseguiria lidar com a dor dos clientes e estar me sentindo acolhido por eles.” (homem, 37 anos, voluntário na força tarefa da CEF)

“Raiva diante de pessoas que não sofreram perdas e estão pegando ajuda, tirando dos que precisam de fato.” (mulher, 32 anos, enfermeira voluntária)

Observando a natureza, pode-se observar o que ocorre quando o sulco formado na terra com o trabalho incessante das formigas é interrompido. As formigas perdem o rumo e se espalham sem direção; algumas parecem querer encontrar um “culpado”, outras

procuram ajudar aquelas que foram atingidas, outras caminham e tentam comunicar-se entre si... Desordem é o que vemos.

Normalmente se vive com certo número de certezas que transmitem tranquilidade. Mas, quando se confronta com algo inusitado, cuja extensão, amplitude ou razão é ininteligível, o resultado é estado de choque. Em Nova Friburgo, convivemos todos que experimentamos tamanha devastação – ambiental, social, pessoal e material – sob uma desorientação funcional individual e sistêmica, como as formigas, em um primeiro momento. Ficamos em choque mesmo não atingidos diretamente.

O senso crítico, que se baseia em circunstâncias conhecidas (crenças, lugares, pessoas), quando de alguma forma é abalado compromete avaliações futuras e gera dúvidas inadequadas – faz do improvável uma possibilidade; do pesadelo ou boato, uma realidade; do medo, o pânico. A consciência da morte diante de perdas tão significativas gera uma ansiedade existencial, que somada ao sentimento de impotência, aumenta a clareza sobre a finitude humana.

As terapeutas autoras do presente trabalho, apesar de não terem sofrido qualquer dano material ou pessoal pelas chuvas devastadoras, não escaparam do impacto emocional que trouxe insegurança ante tamanho desafio social: Como agir nestas circunstâncias? Seremos capazes de lidar com a expressão de tantas dores num grupo? Haverá superações a compartilhar numa hora destas?

## **OS PRIMEIROS PASSOS**

Na primeira semana após o ocorrido, a TCI é disponibilizada como recurso para acolher e dar suporte a grande número de pessoas abrigadas. Considerando as dificuldades de acesso na cidade, para possibilitar a continuidade da proposta, é proposta uma sensibilização nos abrigos coletivos mais próximos da residência das terapeutas. O resultado imediato é que os coordenadores dos abrigos incentivam a atividade, mas não se implicam com a mesma, enquanto que os abrigados tentam ser delicados em seus discursos de necessidade do trabalho de cuidado, mas,

“Aqui é tudo parente...”

enrijecidos em lidar com a emoção, não comparecem as rodas agendadas.

Assim que o acesso a regiões mais atingidas foi liberado, o foco do trabalho da TCI ampliou-se para comunidades mais afetadas, na área rural da cidade. Diante de quadro de calamidade maior, tais comunidades precisaram organizar ações rápidas para resgatar pessoas, cuidar de seus mortos, acolher e promover a segurança dos sobreviventes. Tais pessoas demonstraram maior interesse em partilhar suas dores e superações na roda da TCI, havia necessidade de “desafogar” duras emoções contidas, reprimidas e ainda não choradas.

Facilitou a mobilização nas comunidades, o contato com lideranças locais estabelecidas e emergentes em Campo do Coelho, Conquista, Prainha e Floresta. Em campo, evidenciou-se que a aliança e respeito às lideranças instituídas e/ou emergentes é absolutamente imprescindível para que qualquer trabalho aconteça, mesmo que difícil em muitas circunstâncias.

Diante da vivência como terapeutas comunitárias, situações paradoxais e complexas impactam: “necessidades de tudo” e um “soterramento” de ajuda. Neste contexto de vida social inusitado, não há condição/tempo de avaliar os limites das ações políticas e atividades diversas, e tudo pode ser encarado como uma agressão à privacidade, à identidade cultural e atingir a integridade pessoal – “toda superproteção é uma descrença na capacidade do outro”. Indiscutivelmente, dentro de um abrigo coletivo improvisado, as relações – comigo, com o outro, com crenças e valores – acabam sendo consideradas secundárias e podem provocar desagregações, desajustes, desequilíbrio e disputas por não se sabe bem o quê. Algumas pessoas abrigadas demonstram desconforto com o excesso invasivo e outras ansiedade em acumular ganhos para suprir as perdas. Aparecem também iniciativas criativas, habilidades antes não desenvolvidas, associações anteriormente impensadas e movimentos solidários no sentido de atender ao desejo de recomposição social.

Como nada pode ser recusado na medida em que a necessidade é de tudo, nossa ação somava-se a muitas outras ações simultâneas,

sobrepostas e imprevistas que ora favorecia a dispersão de pessoas, ora a aglutinação. Nesta pluralidade de ações, nosso investimento na TCI foi ganhando amplitude especialmente porque “se dá mais nos laços do que nos espaços” (BARRETO, 2010) e ainda por ter como foco “as pessoas, as interações como complemento à rede de apoio social disponível nos diferentes contextos.” (BARRETO; BARRETO, 2010). E foi assim...

## **ADAPTAÇÕES QUE SE FIZERAM NECESSÁRIAS AO MOMENTO**

“Ser terapeuta comunitário envolve um retorno da pessoa a si mesma. É o processo pelo qual alguém se torna quem é. [...] É o fim da alienação.”  
Rolando Lazarte (2011)

O fim da alienação àquele tempo era sair do tal estado de choque para dar continuidade ou começar outra narrativa, alinhando novos referenciais. Como terapeutas comunitárias, tinha que ser possível acolher a dor, buscar a compreensão sobre o que acontecia, conectar informações e impulsionar a um sentido à vida para ocupar o espaço vazio deixado – pessoal, relacional, situacional, circunstancial, social. Como terapeutas comunitários ansiávamos estar com as pessoas em sofrimento agudo porque percebia-se que a estrutura da TCI poderia ajudar a manter orientação nos relacionamentos e, com mínimas exigências para sua ocorrência, acolher, resgatar, apoiar, a partir das vivências individuais, a recomposição e organização de uma história coletiva. Nesta situação de catástrofe identificamos que a TCI poderia ser um argumento para reunir pessoas, um facilitador na contextualização do evento traumatizante, um estímulo para resgatar a competência das pessoas, identificando as “pérolas” que brotavam a partir do sofrimento e que precisavam ser valorizadas. No grupo, a confrontação das circunstâncias de uma história impensada, não planejada e não desejada, poderia ser transformada em habilidades e novas descobertas.

“Aqui é tudo parente...”

O momento presente, porém, precisava ser respeitado em sua necessidade de luto, de recolhimento individual e familiar, diante de perdas tão intensas. Sabia-se da dificuldade de nomear, do forte susto que levou ao isolamento social na busca da privacidade para chorar e tentar se soerguer. Porém, como o pranto era coletivo e de intensidade similar, a dor da cidade, coletiva em sua aparência e em algumas interseções, poderia ser o veio para despertar uma força na mutualidade para uma nova e firme postura solidária apoiadora e sustentadora.

Ter um mapa do caminho era o desejo. Muitas dúvidas: como e o que fazer para não ofender, violar, invadir ainda mais pessoas tão sensivelmente feridas? Como ajudar, prestar um serviço àquelas necessidades, sem impor respostas prontas? Como encarar o medo de ouvir depoimentos e histórias tão difíceis de superar? Como dar vazão às potencialidades, à criatividade, agir com segurança e responder aos vínculos afetivos necessários dentro daquelas comunidades? Era tamanho desafio e eram tantas as necessidades, que assustavam.

Nas circunstâncias tudo era provisório, exigente e inconstante: cadastramento para atuação como voluntários; capacitações infundáveis por especialistas com diferentes abordagens; encontros e desencontros, ordens e contraordens e, até, falta de escuta dos coordenadores às sugestões e orientações.

Não tendo tanta ajuda como na região central da cidade, foram as comunidades que co-laboraram para que a TCI acontecesse regularmente. Mesmo quando houve interdição do local onde realizávamos rodas em Campo do Coelho foi sugerido e conquistado pela própria comunidade um espaço no jardim de uma casa.

Isso aconteceu quando uma escola, em que corpos, inclusive de alunos, foram cuidados pela diretora, enquanto o serviço especializado não chegava, foi interditada para uma limpeza oficial, que já havia sido realizada pela comunidade. O fato ofendeu a todos que prescindiam de um espaço para compartilhamento de suas frustrações.

Abrindo espaço de partilha e escuta para esta comunidade pela TCI, construiu-se uma relação de mútuo apoio e o grupo

pode identificar uma estratégia de conforto para a diversidade de sofrimentos na relação estabelecida. Daí, o impulso dos mesmos em descobrir outro local para que a roda de TCI fosse realizada, incluindo convidados.

Como dizem Adalberto e Miriam Barreto (2010), “[...] a comunidade também cresce na medida em que vai ficando mais autônoma e menos dependente de instituições e especialistas, estimulada por ações solidárias.” A realização das rodas de TCI, inclusive, facilita a melhor distribuição de informações básicas de sobrevivência. Na integração dos participantes não só é possível conhecer e divulgar os serviços da rede oficial, como principalmente a identificação e reconhecimento de uma rede solidária não oficial que amplia a dimensão de atendimento e favorece a organização social.

Outro fator que mobilizou atenção das terapeutas foi como lidar com o lúdico e as comemorações incluídos no acolhimento das rodas de TCI diante de tanta necessidade de choro. Havia, admite-se, o medo da própria rejeição pelo entendimento de um desrespeito ao momento de um luto fechado, ainda na busca de familiares, amigos e vizinhos desaparecidos.

Intuitivamente, na etapa de acolhimento das rodas de TCI foram introduzidas dinâmicas que induziram o contato pelo toque. Como um reconhecimento e uma re-apropriação do próprio corpo com vida, que sentia dor, prazer, alívio, surgiram sorrisos e falas de catarse, que se fizeram temas de onde brotaram os motes destas rodas. A participação das crianças nesta atividade favoreceu a descontração e o aspecto lúdico, racionalmente tão descabido na hora, surgiu com naturalidade. Esta iniciativa facilitou a expressão da emoção e de sentimentos, integrando os participantes em uma corrente amorosa de cuidado e atenção, que se prolongava mesmo após a saída das terapeutas.

As ações apontavam a necessidade de criação de algum instrumento para acompanhar os encaminhamentos realizados tanto da TCI para os serviços existentes, quanto da rede oficial para as rodas de TCI. Como já frisado, a inconstância e a imprevisibilidade na manutenção de pontos dos serviços ofertados pela rede de apoio social e a velocidade de mudanças é muito maior do que a capaci-

“Aqui é tudo parente...”

dade de comunicação e informação, o que gerou desgaste, estresse, frustração e queixas.

Seguindo a pedagogia de Paulo Freire (1992, 1997), cuidadosamente respeitando o momento, condições especiais, intuindo experiências, refletindo, reconhecendo e estimulando a criatividade e competência individual, do grupo e da comunidade, descobriram-se caminhos. **Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.** Afinal, somos todos aprendizes.

Assim foram alcançados os propósitos da TCI: acolher o sofrimento gerado por situação estressante sem fazer diagnóstico e encaminhando à rede de apoio social, o que era possível com a participação e permanente contato com o trabalho coordenado pelos Médicos Sem Fronteiras (MSF); criar espaço de partilha destes sofrimentos, digerindo uma ansiedade paralisante que traz riscos para a saúde destas populações e prevenindo cristalização de reações normais ao momento de crise ou encaminhamento precoce para atendimento especializado; promover a saúde em espaços coletivos, em vez de combater a patologia individualmente, permitindo tranquilizar os participantes com informações que esclarecem quanto aos comportamentos normais e esperados vistos como patológicos diante de situações incomuns; e ainda, facilitar a expressão de experiências e competências na busca de continuidade de uma narrativa para construção de uma história coletiva.

## A IMPORTÂNCIA DA TCI EM MOMENTOS DE CATÁSTROFES – REFLEXÕES

“[...] fui impelida a mergulhar um mergulho profundo nas águas límpidas do afeto e da inclusão.”

Selma Hinds (2010, p.16).

Na fábula da águia e da galinha contada pelo educador africano Janes Aggrey a seu povo, um filhote de águia é criado por um agricultor em um galinheiro junto com as galinhas. Com o tempo, a águia aprende a ciscar migalhas, a pular de um poleiro para outro no galinheiro e a não alçar voo. Tanto a águia quanto o agri-

cultor acreditam que a águia não é mais águia, é uma galinha. A águia/galinha não se dá conta de seu potencial, não enxerga que este é um processo humilhante para sua condição, não percebe os sofrimentos dilaceradores que tal processo produz em sua essência. Passado um tempo, um naturalista conhecedor de aves, reconhece sua natureza e insiste em desenvolver seu potencial, estimulando a águia a olhar na direção do sol em busca de sua libertação. E ela voa livre para viver o seu destino.

Leonardo Boff (2002, p.23), resgatando a fábula contada pelo educador africano, define libertação como “a ação que liberta a liberdade cativa.” Afirma que apenas “[...] com a libertação as pessoas oprimidas são capazes de resgatar a autoestima, refazer a identidade negada, reconquistar a pátria dominada e construir uma história autônoma, associada à história de outros povos livres.”

Da mesma forma, viu-se que pessoas que perderam seus bens ficaram temporariamente impossibilitadas de escolher, perderam a autonomia, foram privadas da liberdade de decidir e reconstruir sua própria história. Embora necessário e premente, este é o retrato da complexidade de uma realidade em situação de catástrofe. A intervenção neste contexto é complexa porque precisa articular muitas partes e inter-retro-relacionar todos os elementos, dando origem a um sistema dinâmico sempre aberto a novas sínteses.

Constatou-se, então, que a estratégia da TCI olhada a partir de seus pilares teóricos pode propiciar o despertar das águias feridas, ou seja, a libertação de pessoas afetadas confirmada pelo exercício pleno do princípio da autonomia ao se fazerem autores de suas livres ações; observada na mutualidade incessante e na circularidade contínua da troca, que emerge numa teia solidária; retratada na escuta ativa que reporta à horizontalidade dos saberes popular, científico e universal; constatada no abandono da condição de “almas penadas” e no rompimento com a condição de vítimas; afirmada pela apropriação do conhecimento e criatividade, que brotam na experiência traumatizante e se fortalecem com as vivências transformadoras de superação.

“Aqui é tudo parente...”

“Depois que consegui me salvar, ainda ajudei os bombeiros a salvar um bando de gente e fiz coisas que nunca imaginei que faria.” (homem, 52anos, comerciante)

“Ao perder minha avó, a música foi super importante para superar a dor.” (mulher, 12anos, abrigada)

“Os amigos da igreja e a oração sempre me fazem ter esperança que as horas difíceis passam.” (mulher, 30anos, abrigada)

“Falava com amigos, gente conhecida e com a família como me sentia.” (homem, 41anos, sindicalista)

“Conversar aqui me ajudou.” (mulher, 56anos, diretora de escola)

“Resolvi começar em outro canto e me propus a cuidar de mim mesmo.” (homem, 61anos, professor)

“Viver estas situações dramáticas me trouxe amadurecimento.” (homem, 18anos, estudante)

“Levantar a cabeça e dar a volta por cima, acreditando que sou capaz de superar tudo, por mais difícil que seja.” (mulher, 74anos, poetisa)

“Descobri amor onde só via cobrança.” (homem, 25anos, comerciário)

A continuidade das rodas de TCI, espaço de contar e recontar sofrimentos do cotidiano, acrescentando dados novos de superação trazidos pelos participantes, em um ambiente protegido, favorece o despertar da águia que existe em cada um. Estimula a criatividade diante de situações de opressão coletiva que ameaçam a crença e a esperança. Permite elaborar o luto, aceitar a realidade de perdas, a dor, ajustando-se a um ambiente de faltas, mas que podem ser transformadas em “pérolas”. Assim sendo, a TCI é uma estratégia que pode prevenir a evolução de sintomas para patologias causadas por um luto não resolvido.

A participação nas rodas pode identificar ou evitar o uso de medicamentos que bloqueiam a prontidão das pessoas para agir em defesa própria na emergência, tão necessária na situação de imprevisibilidade, conforme recomendação dos MSF.

As pessoas que passam por situações de grandes perdas, precisam ser estimuladas a resgatar seu potencial humano, a terem consciência de sua história, orgulho de suas tradições, para não se acomodarem ou se acostumarem à condição de vítimas das circunstâncias.

## **A FORÇA DO GRUPO COMO FACILITADOR DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL EM SITUAÇÃO DE CATÁSTROFE**

“A comunidade tem problemas, mas também as soluções.”

**Juntos somos melhores!** O reconhecimento e a adaptação de papéis sociais conduzem naturalmente a uma organização comunitária na direção da construção e/ou manutenção da identidade.

Onde há cuidado – com o corpo, com a mente, com o espírito – há vida, humanidade e cooperação amorosamente solidária. É num contexto como este que começam a surgir atores sociais vistos como exemplares por atos qualificados como heroicos, onde o “impossível”, renegado ao absurdo no cotidiano, torna-se ação pensada como comportamento a ser copiado.

Nos testemunhos abaixo, resgatamos algumas falas de participantes de rodas de TCI, que confirmam o dito acima:

“Estou levando o exemplo e bom caráter do J., que salvou sua vida e de sua mãe.” (Abrigo coletivo – Conquista)

“A alegria e o bom humor das crianças na roda.” (Abrigo coletivo – Prainha)

“A força do apoio e da coragem da L. que tem cuidar da gente de forma incrível!” (Escola – Campo do Coelho)

“O exemplo de pessoas como vocês, que vêm de longe para nos ajudar. Dá vontade de ser útil a outros também.” (Abrigo coletivo – Bom Jardim)

Nesse contexto é que emergem lideranças fortes como a que se estabeleceu em Córrego Dantas, onde uma pessoa liberta-se para a expressão de suas potencialidades e torna-se capaz para evocar e

“Aqui é tudo parente...”

despertar no outro suas competências adormecidas. Ajudam com seu modo de ser e de agir exemplar a identificar outras competências, valores e virtudes latentes nas pessoas. A TCI favorece a identificação destas lideranças que sustentam a esperança de que vale a pena o esforço para continuar caminhando.

Situações de emergência suscitam ações de solidariedade que expressam um amor incondicional. A cidade recebeu ajuda dos mais distantes pontos, de anônimos, que entregues a uma energia universal de compaixão, criaram relações, laços, e exerceram um poder terapêutico de fortalecimento e libertação. Suscitam também o **“amor solidariedade”** (BOFF, 2002 p.133) que constitui a grande comunidade cósmica, terrenal e humana. Nas rodas de terapia comunitária, era comum mãos se entrelaçarem quando um relato era emocionado pela dureza dos acontecimentos. Precisamos uns dos outros para ser e para nos libertar. Na sabedoria popular “ninguém é tão rico que não possa receber, como ninguém é tão pobre que não possa dar”.

A experiência nos mostra que tudo segue uma ordem-desordem-interação-nova ordem. Assim, o caos nunca é eterno e o bem jamais estável. Estamos em um processo de aprendizagem permanente e aberto, sempre buscando um equilíbrio dinâmico. O universo não é totalmente caótico, nem totalmente organizado. Ele se mostra regenerativo e autocriativo. Abre espaço para a constituição de ordens cada vez mais avançadas e portadoras de sentido.

## CONCLUSÃO

A vida, portanto, nascida da Terra, é solidária da Terra. A vida é solidária da vida.

Toda vida animal tem necessidade de bactérias, plantas, outros animais.

A descoberta da solidariedade ecológica é uma grande e recente descoberta.

Nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera.

Edgar Morin e Kern (2005, p.53).

Por mais diversas que sejam nossas origens, temos uma identidade comum, seja por uma unidade genética, morfológica, anatômica, fisiológica, cerebral, psicológica ou afetiva. Expressamos universalmente sentimentos através de sorrisos, lágrimas, gargalhadas, mesmo modulados segundo as diferentes culturas.

A TCI, neste contexto, mostrou-se espaço imprescindível de confrontação e aprendizado contínuo, pessoal e coletivo, diante das necessidades e expectativas que emergem a cada nova vivência. A TCI auxiliou a identificar e expressar sentimentos de raiva, culpa, ansiedade, desamparo. A TCI vem ajudando no re-equilíbrio de sentimentos positivos e negativos, trazendo significado à lágrima quando não é suficiente chorar. Apoiou a reflexão e a avaliação da necessidade de medicação para aliviar os sintomas normais de reação a uma situação anormal. Ofereceu apoio continuado através das relações que se estabeleceram no grupo. Contextualizou formas de lidar com o problema possibilitando inúmeras alternativas de superação individual e comunitária.

## AGRADECIMENTOS

É difícil nominar todos que nos ajudaram e apoiaram, mas é impossível não destacar a Abratecom, em especial, Selma Hinds e Ana Maria Gomes, que estiveram lá pessoalmente conosco em nome de muitos; aos terapeutas comunitários da região, seja pela co-participação nas rodas, pela facilitação na abertura de espaços em comunidades ou, simplesmente, pelo apoio e confiança na representação; à equipe dos Médicos Sem Fronteiras que chegaram como testemunho externo, apaziguando a todos com o saber acumulado nas experiências vivenciadas.

Enfim, agradecemos às comunidades, que tão bem nos acolheram e nos propiciaram o convívio pelo qual muito aprendemos.

*“HERE, WE ARE ALL RELATIVES...”*

**ABSTRACT:** *This is a work based on experiences and learning of the community therapists of ECCOSocial da Região Serrana. They worked*

“Aqui é tudo parente...”

*with communities who were facing the consequences of the biggest weather event occurred in Nova Friburgo city, Rio de Janeiro, Brasil, on January 12, 2011. Aims to encourage reflexive evaluation of the practice of Integrative Community Therapy in unpredictable situations like disasters and catastrophes, inviting everyone to analyse patterns and also to identify what can be learned with acting to transform and grow.*

**KEYWORDS:** *Tragedy. Resilience. Social organization.*

## REFERÊNCIAS

BARRETO, A. **Manual da terapia comunitária passo a passo.** Fortaleza: LCR, 2010.

BARRETO, A.; BARRETO, M. R. **Guia para a prática em terapia comunitária sistêmica integrativa.** Fortaleza: Gráfica Sergio, 2010.

BOFF, L. **A águia e a galinha:** uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HINDS, S. Prefácio III. In: BARRETO, A.; BARRETO, M. R. **Guia para a prática em terapia comunitária sistêmica integrativa.** Fortaleza: Gráfica Sergio, 2010. p.16.

LAZARTE, R. **Ser terapeuta.** 2011. Disponível em: <<http://www.mismecdf.org/pdf/OqueeserumterapeutacomunitarioRolandoLazarte.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

